

Matérias-primas como barro, madeira, fibras naturais, palhas, fios, retalhos, contas, sementes e conchas se transformam criativamente através do imaginário e das mãos negras de inúmeras mulheres de diferentes regiões brasileiras. São artistas anônimas que conservam e desenvolvem instrumentos, formas e técnicas na reinvenção de um cotidiano peculiarmente ornamentado pelo despojamento.

Da memória de meninas negras que viveram no início do século XX, na cidade mineira de Paracatu, surge a figura de Maria Luiza, conhecida como Orobó. Segundo depoimentos, era “uma preta velha que só se comunicava em dialeto africano”. As disputadas bonecas que confeccionava e vendia de porta em porta salpicavam de sonhos a vida de inúmeras crianças, traziam alegria para as ruas sem calçamento daquela região. Muitas décadas depois, em 1988, a artesã maranhense Lena Martins fundou no Rio de Janeiro a Cooperativa Abayomi, e, na busca de técnicas renovadoras, criou com suas companheiras as conhecidas bonecas negras de pano, feitas sem cola e sem costura.

A Casa do Alaká, inaugurada em setembro de 2002, em um galpão na área interna do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador, reúne tecelãs que resgatam e preservam a história e a técnica de um dos maiores símbolos da força e altivez do feminino negro, o pano-da-costa. Em teares de madeira, destacam as fibras, esticam as tramas e intercalam os fios de uma das mais belas páginas da memória africana.

As mulheres da cidade de Goiabeiras, no Espírito Santo, perpetuam uma tradição herdada dos seus antepassados há gerações, e dão forma a utensílios que se tornaram um dos maiores símbolos da cultura capixaba, as panelas de barro. Em outro município desse estado, São Mateus, encontra-se Antônia Alves dos Santos, que pela qualidade de suas peças se tornou um dos ícones do ofício. Dona Antônia Paneleira, como é carinhosamente chamada, gosta de contar sobre sua ascendência direta de africanos e suas longas caminhadas diárias pelo sertão baiano, onde nasceu e conviveu com a falta d'água. Em 2002, a arte de fazer panelas de barro foi inscrita no Livro do Registro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como “Patrimônio cultural brasileiro” e “bem cultural de natureza imaterial”.

Em 1924, no Vale do Jequitinhonha, nascia Isabel Mendes da Cunha, uma das mais célebres referências do artesanato brasileiro. Como bonequeira de

barro criou esculturas que retratam figuras humanas em diferentes situações do dia-a-dia: noivas no dia do casamento, mães que amamentam seus filhos, entre outras. Todas as peças grandiosas e trabalhadas em seus mínimos detalhes. Das laureas e condecorações que recebeu em reconhecimento pelo seu trabalho cabe assinalar o primeiro lugar na sétima edição do Prêmio Unesco de Artesanato para a América Latina e Caribe.

A pernambucana Ana Leopoldina dos Santos é considerada um patrimônio vivo da região do rio São Francisco, no sertão nordestino. A singularidade das carrancas que confecciona em barro, com olhos vazados – assim feitas num tributo ao marido cego –, transformou-na em artesã de projeção internacional. Ana tem suas peças em diversas coleções e museus de diferentes partes do mundo. Em 2000, aos 77 anos, Ana das Carrancas, como é conhecida, realizou um de seus grandes sonhos: inaugurou e batizou o seu Centro de Artes e Cultura em Petrolina, Pernambuco, onde vive desde a década de 1950.

Irineia Rosa da Silva trabalha o barro do povoado de Muquém, em União dos Palmares, Alagoas. Com ele faz esculturas e objetos que são utilizados no cotidiano das comunidades remanescentes de quilombos daquela região. A octogenária Maria Amélia da Silva também tem nos afazeres artesanais sua principal atividade produtiva. As tocantes e imponentes esculturas de santos que faz são transfiguradas a partir da argila de sua cidade, Tracunhaém, em Pernambuco.

Essas e tantas outras lembranças pertencem a um incomensurável conjunto de afro-brasileiras que, tanto na criação solitária, quanto em grupos ou associações, trabalham e produzem arte. São mulheres que aprenderam sobretudo a expressar o tempo, com o qual modelam, trançam, tecem, costuram, bordam, esculpem, moldam, pintam e colorem artesanalmente as vidas, utilizando continuamente os mais diferentes pigmentos e tons da inspiração.

Excluído:

Excluído: todas